

A Pequena Dandara e o Jardim da Liberdade



Na casa de Dandara havia um quintal tão pequeno que, quando a menina abria os braços, quase conseguia tocar as duas paredes ao mesmo tempo.

Mesmo assim, Dandara tinha certeza de que ali cabia uma floresta.

— Uma floresta? — perguntou o avô Sebastião, examinando o chão de terra.

— Com flores, passarinhos e uma árvore que faz sombra até na Lua!

— Então vamos precisar de sementes e de muita imaginação — respondeu ele.

Dandara tinha seis anos, dois laços amarelos nos cabelos crespos e uma coleção de perguntas guardadas na ponta da língua. Naquela manhã, chegou à casa do avô com uma latinha vazia e três feijões.

— Trouxe tudo para começar a floresta!

O avô riu baixinho.

— É um belo começo. Mas que tal preparar a terra primeiro?

Os dois soltaram os torrões, retiraram pedrinhas e colocaram adubo numa parte ensolarada do quintal. Dandara fez três buracos com o dedo, acomodou os feijões e cobriu cada um com carinho.

Depois fincou uma placa escrita com letras tortas: FLORESTA DA DANDARA.

No dia seguinte, correu para o quintal antes mesmo do café.

Nada.

No outro dia, levou uma régua para medir as plantas.

Nada outra vez.

Na terceira manhã, encostou o ouvido na terra.

— Feijões? Vocês estão me ouvindo?

O avô apareceu com um regador.

— Plantas não crescem mais depressa quando a gente chama, pequena jardineira.

— Mas eu estou esperando há muitos anos!

— Três dias — corrigiu o avô, tentando não rir.

Dandara fez um biquinho e se sentou no degrau. Nesse instante, viu uma formiga carregando uma folha quase maior do que ela.

— Vovô, como a formiga consegue carregar tudo isso?

— Devagar, com persistência. Quer conhecer uma história de coragem enquanto esperamos nossos feijões?

Dandara se ajeitou perto dele.

— Quero. Mas não pode ser história de feijão dorminhoco!

O avô apontou para o nome escrito na placa.

— Você sabia que seu nome nos faz lembrar de Dandara dos Palmares?

— Existiu outra Dandara?

— Existiu uma mulher negra lembrada por sua participação na resistência à escravidão, no Quilombo dos Palmares. Há coisas da vida dela que os historiadores ainda não conhecem com certeza, mas seu nome se tornou símbolo da luta pela liberdade.

Dandara pensou no que tinha ouvido.

— E liberdade é o quê, vovô?

Sebastião escolheu palavras que a neta pudesse entender.

— É poder viver com dignidade, fazer escolhas e não ser tratado como se uma pessoa valesse menos do que outra.

A menina olhou para o quintal.

— Então ninguém devia prender uma pessoa só porque ela é diferente.

— Exatamente.

Na manhã seguinte, um pontinho verde apareceu entre os grãos de terra.

— VOVÔ! O FEIJÃO ACORDOU!

Dandara saiu pulando com os braços para cima. Só parou quando percebeu que seu pulo havia espantado um passarinho pousado no muro.

— Desculpa, passarinho! Foi a alegria!

Os brotos cresceram. Um se inclinava para a esquerda, outro para a direita. O terceiro parecia não saber para onde queria ir.

— Esse aqui está dançando — disse Dandara.

— Talvez esteja procurando a luz — explicou o avô.

A menina fez uma segunda placa: NÃO PISAR. PLANTINHAS TRABALHANDO.

Mas nem tudo saiu como esperavam. Numa tarde, uma chuva forte caiu sobre o bairro. O vento sacudiu as roupas no varal e derrubou a placa. Quando Dandara correu até a janela, viu a água formando um riozinho pelo canteiro.

— Minha floresta!

Ela quis sair correndo para salvar as plantas, mas o avô segurou sua mão.

— Agora não, Dandara. O chão está escorregadio e há trovões. Vamos esperar a chuva passar.

A menina ficou na janela, apertando a latinha vazia contra o peito.

Cada trovão parecia grande demais para aquele quintal tão pequeno.

Quando o céu clareou, os dois foram olhar o canteiro. A terra tinha descido para o canto, uma muda estava deitada e outra quase desaparecera sob a lama.

Dandara sentiu vontade de chorar.

— Acabou a nossa floresta.

Sebastião se agachou ao lado dela.

— Ainda não sabemos. Vamos ver o que podemos cuidar e o que precisa ser replantado.

Com delicadeza, endireitaram a muda tombada e afofaram a terra ao redor. A que estava muito machucada não resistiu, e Dandara precisou aceitar que algumas plantas não conseguem se recuperar.

— Posso plantar outra? — perguntou, limpando o rosto.

— Pode. E desta vez vamos fazer uma pequena proteção para a água não levar tudo embora.

O avô trouxe algumas pedrinhas e mostrou como organizar uma borda em volta do canteiro. Dandara buscou gravetos para apoiar as mudas, enquanto a vizinha dona Celina apareceu no portão.

— Que aconteceu com a floresta?

— Uma tempestade bagunçou tudo — respondeu Dandara. — Mas estamos consertando.

Dona Celina voltou minutos depois com sementes de girassol.

— Estas gostam bastante de sol. Se houver espaço, podem entrar na floresta também.

Logo apareceu seu Antônio com um vasinho de manjerição. A amiga Nina trouxe uma muda de flor que havia recebido da mãe. Todos perguntaram onde poderiam ajudar, e o quintal ganhou novos cantinhos verdes.

Dandara percebeu que sua floresta estava ficando maior sem que as paredes mudassem de lugar.

— Vovô, como pode? Antes cabiam três feijões. Agora cabe tudo isso!

— Porque cada pessoa trouxe um pouquinho do que tinha — respondeu ele.

No sábado seguinte, fizeram uma inauguração. Não havia banda, nem fita vermelha, nem convidados importantes. Havia um regador azul, biscoitos caseiros e crianças muito curiosas.

Dandara preparou uma placa nova, desta vez em letras grandes: JARDIM DA LIBERDADE.

Nina leu devagar.

— Por que esse nome?

Dandara lembrou-se da conversa com o avô.

— Porque a liberdade é importante para as pessoas. E porque aqui a gente cuida junto das plantas, deixando espaço para cada uma crescer do seu jeito.

O avô sorriu, mas acrescentou com delicadeza:

— As plantas não vivem como as pessoas, Dandara. Só que um jardim pode nos ajudar a lembrar do cuidado e do respeito que todos merecem.

De repente, seu Antônio apontou para perto do muro.

— Ei, olhem ali!

No cantinho mais improvável do quintal, bem onde a chuva tinha deixado um montinho de terra, aparecia um broto minúsculo.

Dandara se abaixou.

— Mas eu não plantei nada aqui!

O avô examinou a folhinha.

— Talvez uma semente tenha vindo com o vento, com um passarinho ou com a própria terra.

A menina ficou maravilhada.

— Então a floresta convidou mais uma planta sozinha!

Todos riram.

Naquela tarde, Dandara não tentou medir os brotos a cada minuto. Sentou-se no banquinho com Nina, ouviu as abelhas passeando entre as flores da vizinha e inventou nomes para cada canto do jardim.

O girassol virou Senhor Olha-o-Sol. O manjericão ganhou o nome de Cheirinho. E os feijões receberam nomes tão compridos que o avô nunca conseguia lembrar de todos.

Quando a mamãe chegou para buscá-la, encontrou a menina com terra no joelho e um sorriso enorme.

— E a floresta, filha? Já ficou pronta?

Dandara observou os brotos pequeninos, o vaso de manjericão e a placa colorida.

— Ainda não. Amanhã vai estar diferente. E depois de amanhã também.

Ela segurou a mão da mãe e fez um pedido:

— Podemos voltar para ver o que cresce?

Lá do portão, o avô respondeu antes de todo mundo:

— Neste jardim, sempre vai ter lugar para mais uma visita!

E Dandara foi embora imaginando quantas histórias ainda nasceriam naquele pedaço de terra.

Fim.

Perguntas sobre a história

Depois da leitura, incentive as crianças a recontar os acontecimentos com suas próprias palavras.

1. Qual era o grande sonho de Dandara para o quintal do avô?
2. O que Dandara plantou primeiro?
3. Por que ela achou que os feijões estavam demorando a crescer?
4. Sobre quem o avô contou uma história e o que ele explicou sobre liberdade?
5. O que aconteceu com as plantas durante a tempestade?
6. Como os vizinhos ajudaram a reconstruir o jardim?
7. Por que Dandara escolheu o nome Jardim da Liberdade?

Para imaginar: Se você pudesse criar um jardim com seus amigos, o que plantaria nele?

